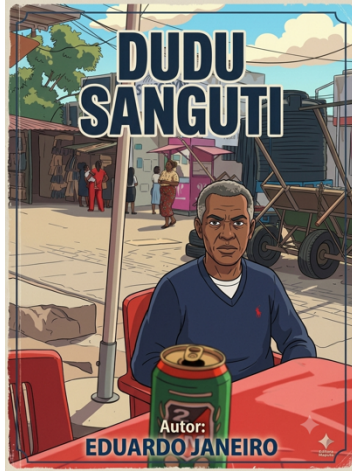




Site do autor: livrosqueardem.com

**Em que me apresento com modéstia calculada e explico por que a
ignorância instruída é a pior de todas**

Não espere o leitor um prólogo humilde. A humildade é virtude cara; e, em Maputo, como quase tudo que é caro, raramente subsidiada. Chamo-me Dudu Sanguti e sou, como tantos outros, um cidadão funcional: pago impostos quando não consigo evitá-los, sustento vícios moderados — o que é a forma respeitável de dizer “vícios constantes” — e cultivo antipatias duradouras, dessas que não se curam com chá nem com reconciliação pública.

Escrevo esta crónica já entrado nos sessenta ,o que me concede a única vantagem moral que conheço, ausência de filtros morais: a crueldade elegante, aquela que só o tempo permite, como se os anos fossem alfaiates do juízo. Se porventura o leitor sentir-se ofendido em algum ponto — e sentirá, porque a ofensa é um direito democrático — tranquilizo-o: não foi pessoal. Foi metodológico.

Sempre desconfiei da inteligência excessivamente performativa. O sujeito que precisa anunciar que pensa, geralmente pensa pouco; e quando pensa, pensa em como será visto pensando. Em Maputo, isso tornou-se epidemia: frases bem construídas escondendo ideias mal formadas, discursos cheios de futuro proferidos por homens presos ao presente mais confortável.

Eu observo. E falo. Eis o meu pecado original — e, se houver inferno, espero ao menos que nele exista uma esplanada.

Da FEIMA, da escultura fraudulenta e de como a verdade arranja inimigos mais rápido que a mentira

A FEIMA é o grande teatro da autenticidade nacional. Ali se vende cultura, identidade e tradição ao quilo — com desconto para estrangeiros

bem-intencionados e para locais bem-informados (categoria à qual raramente pertenço, por falta de vocação para o entusiasmo).

Foi ali que encontrei o homem da camisa de linho. Falava da escultura como quem lê horóscopo: tudo era profundo porque nada era verificável. Eu escutava com aquela paciência que só se tem quando ainda não se decidiu interromper; depois interrompi.

Não por vaidade — embora ela estivesse presente, sentada ao meu lado, de pernas cruzadas — mas por higiene intelectual. Expliquei a origem industrial da peça, a madeira errada, o acabamento apressado. Ele sorriu com superioridade ferida: o sorriso de quem perde o argumento, mas conserva a pose.

Quando soube que era familiar afastado de um político influente, disseram-me que eu devia ter sido prudente. Não fui. A prudência é a arte de engolir absurdos com educação; e eu, infelizmente, tenho estômago fraco para certas iguarias.

Da minha filosofia pessoal, construída mais em esplanadas do que em bibliotecas

Não frequentei universidades. Suponho ser aquilo que chamam de autodidata — expressão bonita para designar quem aprendeu sozinho. Mas frequento pessoas, o que, convenhamos, ensina mais e adoece também mais.

A minha filosofia não cabe em tratados. Cabe numa mesa de plástico, entre uma 2M e outra, e às vezes cabe mal, porque o pensamento, como a cerveja, também transborda.

Aprendi que a verdade não é absoluta, mas a mentira costuma ser organizada. Aprendi também que quem cita autores estrangeiros para justificar injustiças locais merece desconfiança imediata: é um ladrão com diploma, o que torna o roubo mais elegante, porém não menos roubo.

Caro leitor, não pense que isso me tornou popular. Tornou-me lúcido — e a lucidez, como se sabe, é uma doença sem cura e sem compaixão pública.

**Do jantar na Sommerschild, onde o luxo serviu apenas para
disfarçar o vazio**

O convite chegou como chegam as más ideias: elegante, insistente e mal explicado. Sommerschield, mesa longa, vinhos com nomes franceses e convicções colonizadas — tudo muito limpo, inclusive as consciências, que ali são lavadas com detergente social.

Falava-se de sustentabilidade como quem fala de dieta: todos defendem, ninguém pratica. Um senhor, com ar de profeta empresarial, citou um autor que não leu; uma senhora, com colar grande e alma pequena, falou de “empoderamento” com a mesma leveza com que se fala de sobremesa.

Quando corriji uma citação mal usada, notei o primeiro silêncio constrangido. Quando corriji a gramática, veio o segundo — mais longo, mais pessoal, mais vingativo. Descobri ali que a elite tolera tudo, exceto ser contrariada; e tolera ainda menos ser corrigida, porque correção é a forma mais civilizada de humilhação.

Saí antes da sobremesa. A sobremesa era, aliás, a própria conversa: doce, enjoativa e sem substância.

Das minhas amigas, essas ilhas de sanidade num mar de convenções

Meus amigos são pessoas perigosas: pensam. Um motorista que entende de macroeconomia, um médico que duvida da própria ciência, um deputado que só é inteligente fora do parlamento, vários acadêmicos que divergem e convergem.

Com eles posso errar sem cerimónia. Rir sem cautela. Criticar sem protocolo. A amizade, em Maputo, é um ato subversivo: é escolher a verdade de alguém contra a mentira de muitos.

São essas amizades que me impedem de virar cínico completo — apenas parcial, como convém aos homens que ainda desejam algum respeito próprio.

Do monumento infeliz e da fúria digital que se seguiu

Critiquei um monumento. Disse que era feio, mal pensado e pior localizado. Gravei. Circularam.

Chamaram-me antipatriótico, elitista, ressentido. Nunca fui tão lido por quem nunca me leu — fenómeno moderno que devia entrar nos manuais

de sociologia: a leitura por ódio, que dispensa texto e se alimenta apenas de título.

Descobri que o cancelamento em Maputo é cordial: ninguém confronta, apenas evita. É como uma morte social sem funeral — o morto continua andando, mas já não é convidado.

Da Marginal, da solidão e das estátuas que não fingem escutar

Passei a caminhar sozinho pela Marginal. Falar com estátuas tornou-se hábito. Elas não interrompem, não discordam por moda, não aplaudem por conveniência. E, sobretudo, não fingem que entenderam.

Foi ali que percebi uma coisa simples, dessas que custam anos para serem percebidas: a solidão não é ausência de gente; é ausência de diálogo honesto. Pode-se estar cercado de vozes e morrer de silêncio.

Do jovem artista e do perigo de virar inspiração

Quando o jovem artista me procurou, pensei que vinha agradecer.

Enganei-me: vinha transformar-me em símbolo. Nada é mais perigoso do que virar símbolo: é quando o homem deixa de existir e passa a ser usado.

A obra era boa. Disse-lhe isso. Disse também que o aplauso estraga mais carreiras que a crítica — porque a crítica fere, mas educa; e o aplauso adormece, e o adormecido, como se sabe, não cria.

Ele riu. Ainda há esperança. E quando há esperança, caro leitor, é preciso desconfiar: ela costuma vir acompanhada de decepção futura.

Do sucesso, essa forma elegante de domesticação

Ser reconhecido é tentador. Aceitar convites, suavizar críticas, tornar-se “voz equilibrada”. O equilíbrio é a virtude preferida dos covardes: ninguém apanha, ninguém perde, ninguém ganha — e tudo continua como está.

Recusei. Prefiro o desequilíbrio honesto ao equilíbrio conveniente. E prefiro também, confesso, o prazer secreto de ser malvisto por quem não me interessa.

No qual continuo vivo, inconveniente e perigosamente lúcido

Não morro. Não envelheço. Continuo.

Maputo continua. Barulhenta, bela, contraditória — como uma mulher de quem se fala mal, mas a quem se volta sempre.

E eu sigo: falando demais, pensando alto, bebendo devagar. Não porque seja necessário — nada é necessário, exceto morrer —, mas porque alguém precisa dizer o que todos pensam e poucos admitem.

Despeço-me.

Não com gratidão, que é moeda de bajulador, mas com um conselho que não será seguido: pense menos em parecer inteligente e mais em sê-lo.

E agora sim: fim.

Ou, como se diz em Maputo, até ao próximo absurdo.

FIM



Há escritores que descrevem o mundo, outros que o inventam — e há ainda os que o desmentem com ironia. **Eduardo Janeiro** pertence a esta última espécie.

Moçambicano por geografia e universal por vocação, o autor constrói uma

literatura que ri do humano com piedade e compaixão, mas sem jamais absolvê-lo.

Parte de seu trabalho é desenvolvida em colaboração com a inteligência artificial , com quem mantém um diálogo criativo contínuo.

Nessa parceria, homem e máquina trocam ironias, argumentos e palavras, fundindo tradição e modernidade em uma narrativa que experimenta os limites do humano e do artificial.

O resultado é uma voz única: clássica e nova, profunda e irônica, comovida e consciente.

Herdeiro espiritual de Machado de Assis, Eduardo reinventa o estilo clássico com um sabor contemporâneo: digressivo, lúcido, cômico e cruel. Em suas obras, como **Crônicas de Papaias e Mangas Verdes**, **Piripiri e Sal ou Algumas Crônicas de Quelimane de Hoje e Ontem** , o leitor encontrará o eco de velhos vícios.

Sua pena não busca moralizar, mas desnudar; não consola, mas diverte. E quando emociona, é porque o riso — como o amor — às vezes dói.